



**Universiteit
Leiden**
The Netherlands

Louise Müller e o Jogo da Filosofia Africana: Lopes, Marcos Carvalho. Louise Müller e.o. Jogo Da Filosofia Africana." In Tcholonadur: Entrevistas Sobre Filosofia Africana, edited by Marcos Carvalho Lopes, 183-95. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

Agada, A.; Afolayan, A.; Rettová, A.; Aoussine, A.; Gonzales, A.D. de; Ogunnaike, A.; ... ; Ethoke, N.

Citation

Agada, A., Afolayan, A., Rettová, A., Aoussine, A., Gonzales, A. D. de, Ogunnaike, A., ... Ethoke, N. (2023). Louise Müller e o Jogo da Filosofia Africana: Lopes, Marcos Carvalho. Louise Müller e.o. Jogo Da Filosofia Africana." In Tcholonadur: Entrevistas Sobre Filosofia Africana, edited by Marcos Carvalho Lopes, 183-95. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. In . doi:10.51795/9786526508268183193

Version: Publisher's Version
License: [Leiden University Non-exclusive license](#)
Downloaded from: <https://hdl.handle.net/1887/3665577>

Note: To cite this publication please use the final published version (if applicable).



Marcos Carvalho Lopes

Tcholonadur

**Entrevistas sobre
filosofia africana**



Sumário

Introdução	17
Ada Agada e a disposição para filosofar	31
Yusef Waghid e a filosofia africana da educação	39
Tanella Boni e as mulheres na filosofia africana	47
Sanya Osha e a recontextualização da filosofia africana	59
Mechthild Nagel e a Ética Ubuntu aplicada à Justiça Delphine	75
Abadie e a África como caminho de reconstrução da filosofia	83
Godfrey B. Tangwa, uma perspectiva africana da filosofia	93
Mofefi Kete Asante, uma obra na tradição de Maat	103
Adeshina Afolayan e a filosofia africana fora da caverna	111
Fernando Proto Gutierrez e o diálogo entre África e Abya Yala	121
Leonhard Praeg e a retrodicção da filosofia africana Omotade	129
Adegbindin e o Ifá como filosofia	141
Samuel Wolde-Yohannes e o debate sobre a filosofia etíope	159
Bayibayi Molongwa: nós da egiptologia e filosofia africana	163
Bruce Janz e o lugar da filosofia africana	173
Louise Müller e o jogo da filosofia africana	183
Albert Aoussine: a filosofia africana sem condescendência	195
Muyiwa Falaiye: a filosofia africana como Grundnorm dos estudos africanos	203
Phambu Ngoma-Binda e a inflexão da filosofia africana	211
Polikarp A. Ikuenobe e a perspectiva comunal da filosofia africana	223
Antonio de Diego González e a filosofia africana não-eurófona	231

Jonathan O Chimakonam e a filosofia africana como construção de sistemas	243
Nathalie Etoke, a filosofia e a melancolia africana	259
Herman Lodewyckx e a filosofia como hermenêutica da situação existencial africana	267
Issiaka-P. L. Lalèyê e a restituição da filosofia africana	277
Romuald Évariste Bambara e a filosofia africana como Utopia	289
MSC Okolo e a literatura como filosofia africana	311
Kasereka Kavwahirehi e a filosofia africana como descolonização do universal	319
Seloua Luste Boulbina: travessias transatlânticas?	331
Ayodeji Ogunnaike e a (im)pureza da filosofia africana	345
Frederick Ochieng'-Odhiambo: a sagacidade como caminho para a filosofia africana	355
Grivas M. Kayange e as perspectivas da filosofia africana	387
Alena Rettová e as filosofias africanas afrofônicas	393
Michael O. Ezé e a dádiva da humanidade que devemos uns aos outros	405
Sobre o autor	431

Louise Müller e o jogo da filosofia africana*

“O conhecimento é como um baobá, nenhuma pessoa sozinha pode abraçá-lo”. Esse é um provérbio Akan que pode ser combinado com outro que diz “Que nenhuma cidade (*polis*) possui sozinha a verdade”. Nenhuma cidade poderia almejar a posse integral da verdade. É nesse sentido que a filósofa holandesa **Louise Müller**, especialista na cultura akan, tem se dedicado à filosofia africana, desenvolvendo diálogos interculturais, assim como, buscando se aprofundar nos conhecimentos de línguas e culturas africanas.

O exemplo dos provérbios akan são pertinentes porque sua interpretação exige tanto um conhecimento holístico da cultura, quanto a re-contextualização feita através do uso em determinado contexto. É o exemplo das *adinkras*, um conjunto de símbolos, vinculados a provérbios, que promovem uma forma indireta de comunicação presentes em tecidos, ornamentos, emblemas reais, pesos de ouro, edifícios, joias etc. A combinação de *adinkras* em tecidos pode ser utilizada para passar diferentes mensagens em ocasiões cerimoniais, ou ser utilizada como ornamentos em objetos, trazendo mensagens específicas.

Os provérbios e as *adinkras* fazem parte do grande pano de fundo de cultura oral que Müller tem pesquisado, a partir da vivência e do conhecimento da língua twi (asante), de contos, canções, cerimónias etc. A partir desse trabalho de campo, incomum na filosofia ocidental, a autora pôde desenvolver investigações mais situadas. Por exemplo, sobre a representação das mulheres nos filmes nigerianos e ganenses e como esses se articulam com as crenças e práticas do seu público em sua narrativa e recepção (pergunta que ganha sentido diverso quando feita na

* <https://doi.org/10.51795/9786526508268183193>

diáspora, ou quando práticas e religiosidades ocidentais estão presentes).⁵³

Muller também tem desenvolvido pesquisas interessantes, comparando a filosofia egípcia com a filosofia grega e mostrando, por exemplo, como os princípios dionisíacos e apolínios podem ser encontrados nas narrativas sobre Seth e Osíris.⁵⁴

Na entrevista a seguir, a professora Louise Muller nos oferece uma descrição mais detalhada de como pensa e desenvolve suas pesquisas em filosofia africana.

Como você define a filosofia africana?

Louise Müller — Os acadêmicos céticos argumentaram que a Filosofia Africana não existe porque a África não tem uma tradição escrita. Isto é, naturalmente, um absurdo, porque a escrita não é uma condição prévia para o pensamento filosófico. As tradições e culturas orais contêm tanta filosofia quanto as escritas. Além disso, há filósofos, como o professor de filosofia beninense Paulin Hountondji, que argumentaram que a filosofia só pode ser africana se for produzida por africanos. Eu, pelo contrário, sou de opinião que a filosofia africana é uma filosofia sobre a África e que os não africanos também são capazes de contribuir para a filosofia africana. Na minha opinião, não são as pessoas, mas os conceitos e tópicos que determinam o que torna a filosofia africana. A filosofia africana se concentra em assuntos que dizem respeito às pessoas da África. Alguns exemplos são o racismo, a escravidão e o tráfico de escravos, a personalidade, as identidades africanas, as epistemologias indígenas, a relação indivíduo-comunidade, a Consciência Negra, a estética africana e a política tradicional e

⁵³ MÜLLER, Louise. On the demonization and discrimination of Akan and Yoruba women in Ghanaian and Nigerian video movies. **Research in African Literatures**, v. 45, n. 4, p. 104-120, 2014.

⁵⁴ MÜLLER, Louise. The Greco-Egyptian origins of western myths and philosophy. In: PIUS, Mosima (Ed.). **Papers in Intercultural Philosophy and Transcontinental Comparative Studies**. Haarlem: Shikanda Press. n. 24, 2018. p. 251-280.

moderna. Várias filósofas não africanas também se concentraram nessas questões, incluindo Anke Graneß, Gail Presbey e eu mesma, Louise Müller.

Como você entrou em contato com a filosofia africana?

Quando estudei história e filosofia na Holanda, fui em uma viagem de estudo a Gana. Na Universidade de Gana, participei de algumas aulas de filosofia do falecido professor Kwame Gyekye (1939-2019). Esse filósofo akan causou uma grande impressão em mim. Eu estava especialmente interessada no que ele me contou sobre a filosofia akan da consciência. Ele introduziu o conceito de panpsicismo, que é a ideia filosófica de que tudo tem consciência, pois contém o *sumsum* (espírito), portanto, não só pessoas, mas também árvores e até mesmo pedras, objetos animados e não animados. O panpsicismo implica que os objetos naturais têm propriedade ativa, que eles possuem poder. Isto é comparável ao que os chineses querem dizer com o conceito de Ch'i. Há uma energia ou poder em todos e em tudo, que conecta todos os seres humanos ao seu ambiente natural e social. A ideia de que tudo está conectado e que não eram indivíduos atômicos teve um grande impacto em minha visão de mundo. Desde minha primeira visita a Gana, tenho me sentido mais conectada com o mundo em geral.

Em um primeiro momento, a busca pela identidade foi o mote para o desenvolvimento da filosofia africana. Essa busca está ultrapassada?

Não, certamente não está desatualizada. A filosofia africana não se desenvolveu apenas em torno de conceitos e tópicos da identidade africana, embora isso certamente tenha desempenhado um papel significativo no desenvolvimento desse campo acadêmico. Um dos pioneiros em se concentrar nas identidades africanas foi o afro-americano W.E.B. Du Bois. Ele criou o conceito de “dupla consciência” para descrever seus sentimentos como afro-americano, sendo em parte leal às suas raízes africanas e em parte às suas raízes norte-americanas; e a experiência do choque que essa

dupla lealdade e identidade podem causar dentro de seu próprio cérebro. Du Bois também foi importante para sua compreensão da identidade como uma construção — como um conjunto de obrigações sobre como se deve comportar — em vez de uma constituição biológica. Enfatizou que muitas ideias sobre africanos e afro-americanos, como o fato de serem preguiçosos, infantis e pouco inteligentes, não faziam parte da biologia do povo africano, mas da percepção que os ocidentais têm deles. Na maioria das vezes, os ocidentais não viam a relação entre pobreza e más condições de vida e saúde no comportamento dos africanos (e afro-americanos), como explicado, por exemplo, no estudo Du Bois **The Philadelphia Negro** (1899).⁵⁵

Hoje, o filósofo ganense Kwame Appiah reitera a visão de Du Bois sobre o construtivismo das identidades sociais. Em seu recente livro **The lies that bind**⁵⁶ (2018) Appiah explica que as pessoas estão ligadas por credo, país (nacionalidade), raça (cor), classe e cultura. Essas categorias são construções sociais. Biologicamente, elas não existem e, portanto, em certo sentido, são “mentiras” criadas pelas pessoas para fazer coisas em conjunto e construir um quadro comum de referência. O fato de Appiah ainda escrever livros em nossa época com essa filosofia subjacente e que eles são muito frequentemente citados é significativo. Para muitas pessoas, especialmente pessoas muito religiosas e conservadoras, ainda é difícil compreender a relatividade de suas crenças ou ideias, concentrando-se no contexto social no qual elas as desenvolveram. Enquanto as pessoas não acharem evidente que suas identidades sociais são o resultado de processos sociais, a identidade continuará sendo um conceito e uma questão importante na filosofia africana.

⁵⁵ DU BOIS, William Edward Burghardt. **The Philadelphia negro: A social study**. Published for the University, 1899.

⁵⁶ APPIAH, Kwame Anthony. **The lies that bind: Rethinking identity**. Profile Books, 2018.

Em sua perspectiva, quais são as questões que movem a filosofia africana hoje?

Além das questões ainda prementes sobre a identidade africana, os filósofos africanos contemporâneos muitas vezes se concentram no bem-estar (humano). Eles criticam os estudos de desenvolvimento ocidentais por não serem inclusivos e por não levarem em conta as percepções holísticas africanas sobre o bem-estar e a conectividade das pessoas com seu ambiente social e natural. Os estudos de desenvolvimento ocidentais muitas vezes ignoram a epistemologia indígena africana e o papel dos tabus sociais na melhoria da biodiversidade e do desenvolvimento sustentável. Nas visões tradicionais do mundo africano, é possível encontrar uma longa lista de restrições (*dont's*) que permite à comunidade preservar seu ambiente natural. Os tabus africanos são parte integrante das tradições orais, tais como provérbios, histórias, canções e cerimônias ou rituais religiosos. Um exemplo de tal tabu na cultura ganense akan não é ir à fazenda em um domingo por respeito à Deusa da Terra (*Yaa Asantewaa*), que precisa descansar às vezes. Essas tradições orais, que são transmitidas de geração em geração, autorizam o comportamento da comunidade e assim ajudam a manter a biodiversidade. Outro tópico ainda relevante na filosofia africana é o da Consciência Negra. Nos anos 60, quando muitos países africanos conquistaram a independência de seus governantes coloniais, os primeiros líderes africanos, como Julius Nyerere (Tanzânia) e Kwame Nkrumah (Gana), queriam unir todos os povos da África não apenas politicamente (pela Organização para a Unidade Africana), mas também ideologicamente. O chamado panafricanismo também inspirou os africanos na diáspora, como o já mencionado W.E.B. Du Bois e o herói da resistência sul-africana contra o *Apartheid*, Steve Biko. O movimento Black Lives Matter de hoje está fundamentado na filosofia Pan-Africana da Consciência Negra. A ideia é que os africanos em todo o mundo podem se capacitar melhor operando juntos para falar e agir contra a injustiça racial e a favor do aumento da autoestima dos africanos e das pessoas de ascendência africana.

Desde o tráfico de escravos e o nascimento da escravidão e sociedades coloniais, os africanos negros lutaram pelo reconhecimento e respeito humano. No entanto, especialmente nos Estados Unidos, a violência contra os corpos negros é contínua, assim como a luta de emancipação dos afro-americanos. *Black Lives Matter* é um movimento muito moderno da Consciência Negra, que se torna aparente, por exemplo, pelo fato de que também reconhece a luta das mulheres negras africanas e de outros membros negros da comunidade LGBT. Como movimento social, o *Black Lives Matter* mantém em mente as mensagens de amor e não-violência de Martin Luther King. Enquanto 'o problema da linha de cor' — como W.E.B. du Bois se referiu a questões raciais nos EUA — continuar a existir, os movimentos de Consciência Negra de todos os tipos prosperarão. Portanto, é melhor apreciar os movimentos relativamente pacíficos.

Finalmente, uma questão que deve mover a filosofia africana hoje é como a filosofia africana se relaciona com a história africana. Atualmente estou escrevendo uma monografia sobre a história das figuras negras que acompanharam o bispo São Nicolau na Antiguidade tardia, que são conhecidas na tradição holandesa de São Nicolau (*Sinterklaas*) como “Black Peters”. Relaciono a história religiosa dessas figuras negras com a filosofia da Consciência Negra e a resistência contra os Black Peters por membros dos movimentos contemporâneos da Consciência Negra, tais como *Black Lives Matter* nos EUA e no Brasil e *Kick Out Black Pete* na Holanda. Portanto, estou investigando a interconectividade entre a antiga história afro-europeia e a filosofia política africana contemporânea.

Como você vê os argumentos sobre feminismo e mulherismo (*womanism*) em relação à filosofia africana? Como a filosofia africana aborda as questões relacionadas às diferenças de gênero e identidade sexual?

O mulherismo visa abordar a opressão de gênero incluindo homens em sua agenda e o desejo de melhorar as relações de

gênero tanto para homens quanto para mulheres. As feministas, na maioria das vezes, concentram-se exclusivamente nas exigências das mulheres e às vezes se dedicam à eliminação dos homens. As filósofas africanas favorecem mais frequentemente a filosofia do mulherismo, pois associam o feminismo à brancura e as mulheres brancas são frequentemente percebidas pelas mulheres negras como parte do problema e não como a solução. As filósofas africanas têm como objetivo melhorar a compreensão das diferenças entre a luta das mulheres negras e das mulheres brancas. Enquanto as mulheres negras estão combatendo principalmente sua opressão por brancos enraizados em sociedades racistas escravagistas e (neo)coloniais, as mulheres brancas têm um forte ponto focal sobre os homens brancos e a luta pela igualdade em sua relação com eles, já que é a relação com os homens que define a condição de mulher ocidental. Na África, esse não é o caso e na diáspora africana o racismo é um inimigo maior das mulheres do que dos homens. A opressão racial tem assim seus efeitos sobre a experiência da opressão de gênero e várias filósofas africanas, como Patricia Collins, Marie Pauline Eboh e bell hooks, deixaram sua luz brilhar sobre esse tema.

Dos filósofos africanos que você conheceu pessoalmente, quem é o mais importante em sua opinião?

Não posso dizer que a falecida professora Sophie Oluwole é a filósofa mais importante da Filosofia Africana, mas ela foi importante para mim e visitou a Holanda algumas vezes para dar palestras, que foi como a conheci. Ela era uma professora muito animada e uma verdadeira filósofa também no sentido não-acadêmico da palavra. Ela podia filosofar sem parar sobre diversos temas de uma maneira não convencional. Era uma defensora da filosofia tradicional africana e, com seus trabalhos **Filosofia e**

tradição oral (1997)⁵⁷ e **Sócrates e Orunmila** (2017),⁵⁸ abriu o caminho para a aceitação da filosofia nas tradições orais africanas como filosofia africana. Essa filosofia tradicional africana pode ser encontrada em canções, bailes, cantos fúnebres, mitos e provérbios. Outro tradicional poeta-filósofo e crítico cultural cujos livros acadêmicos já foram reconhecidos na filosofia africana é o falecido Okot p'Bitek ugandense, autor de, por exemplo, **Song of Lawino** (1966) e **Acholi Proverbs** (1985). Meus interesses de pesquisa estão no campo da filosofia nas tradições orais e recentemente desenvolvi um jogo chamado 'Adinkra'. Esse jogo visa ensinar a seus jogadores a ética e os provérbios akan, familiarizando-os com os símbolos *adinkra* do povo Akan de Gana, Costa do Marfim e Togo na África Ocidental⁵⁹. Ao criá-lo, eu também espero melhorar a compreensão da filosofia nas tradições orais africanas, que inclui provérbios e linguagens simbólicas como Adinkra.

Quem é o seu filósofo africano preferido?

Minha filósofa favorita é Oyèrónkẹ́ Oyèwùmí, uma professora nigeriana (iorubá) de filosofia com foco em estudos de gênero africanos. A professora Oyèwùmí critica a racialização e o eurocentrismo na produção de conhecimentos relacionados aos estudos de gênero. Ela argumenta que, como o feminismo ocidental é a norma, esse tipo de feminismo é considerado universal. Consequentemente, há muito pouco espaço para as filosofias africanas e outras filosofias não ocidentais de gênero. Essa falta de foco nas filosofias não-ocidentais de gênero é problemática porque

⁵⁷ OLUWOLE, Sophie B. **Philosophy and oral tradition**. African Research Konsultancy, 1997.

⁵⁸ OLUWOLE, Sophie Bosede. **Socrates and Orunmila: Two patron saints of classical philosophy**. 3ª ed. Lagos: Ark Publishers, 2017.

⁵⁹ Com o conhecimento das *adrinkas*, Muller desenvolveu um jogo de tabuleiro em que o objetivo não é a vitória, mas promover a comunicação intercultural, aproximando as pessoas do sentido dos provérbios, sua combinação e construção de significado. Jogando, as pessoas podem então se aproximar do ethos e da sabedoria presente nas adrinkas e provérbios asantes. Disponível em: <<https://questforwisdom.org/quest-2/adinkra-intercultural-communication-game/>>.

não ajuda a melhorar a compreensão das questões de gênero nas sociedades africanas, por exemplo, usando conceitos ocidentais relacionados ao gênero. Ela mesma experimentou isso quando conduziu um trabalho de campo entre os iorubás com um questionário que desenvolveu em uma universidade sediada nos EUA. Ela percebeu que tinha que impor categorias de gênero definidas pelo Ocidente com base na família nuclear a um grupo de pessoas (o povo iorubá com quem ela cresceu) que não reconhecem essas categorias.

Oyèwùmí abriu meus olhos para o construtivismo social por trás das categorias de gênero e para a noção europeia de mulheres como esposas de homens. Na cultura iorubá, as mulheres não são reduzidas ao papel de esposas e ao de mães e não são reduzidas ao seu relacionamento com os homens. Na cultura iorubá, a mãe solteira é um oxímoro porque, na opinião deles, uma mãe nunca é solteira, pois ela está profundamente ligada à sua prole. Eu acho que a definição iorubá de maternidade faz mais sentido do que a europeia, porque, afinal, são os filhos que transformam uma mulher em mãe. Definir a maternidade em torno do relacionamento de uma mãe com um homem não é nada mais que uma supervalorização dos homens. Oyèwùmí abriu meus olhos ocidentais para o absurdo das expressões da linguagem ocidental, como “mãe solteira”, que sem dúvida são criadas pelos homens (provavelmente por medo de não serem importantes para as mulheres após o nascimento dos filhos). Gosto muito de Oyèwùmí porque ela dá *insights* tão estimulantes.

O Brasil é o país com a maior população negra fora da África. No entanto, no diálogo da filosofia africana, as vozes dos Estados Unidos e do Caribe são geralmente mais ouvidas que as do Brasil. Esse também é um problema comum em relação à África de língua portuguesa. Na prática, as fronteiras linguísticas são divisões para a filosofia africana ou é possível articular uma unidade que leve em conta esses espaços?

As fronteiras linguísticas podem, de fato, ser divisões em qualquer campo de estudo. Na filosofia ganense Akan, por exemplo, existe uma fronteira linguística entre o francês e o inglês e os estudiosos de qualquer uma das línguas não têm uma boa noção do que está acontecendo na outra língua e do que os novos estudos revelam. A filosofia africana como disciplina acadêmica, parece ter acontecido também com o Brasil em termos de contato com o intelectualismo negro brasileiro. Penso que essa desconexão está relacionada com as forças neocoloniais no Brasil que continuam a oprimir a crença na capacidade de raciocínio dos africanos negros, nesse caso, na diáspora. Quanto mais o Brasil ganhar a total independência da neocolonização mental, como expressa por Ngugi wa Thiongo e Kwasi Wiredu, em relação a seu programa de humanidades e indústria cultural, mais fácil será para os pensadores negros africanos brasileiros levantarem suas vozes e serem ouvidos. Assim, no Brasil, a filosofia africana pode crescer como disciplina, uma vez que suas estruturas econômicas, culturais e políticas serão liberadas de uma superabundância de influências do Norte Global. As filosofias africanas de orientação brasileira podem e provavelmente estarão, então, unidas ao resto da filosofia africana como uma disciplina acadêmica.

Louise F. Müller

trabalha como pesquisadora no Centre for the Arts in Society (LUCAS) da Universidade de Leiden. É formada na Holanda (Universidade Erasmus de Roterdã, Universidade de Leiden) e na Escócia (Universidade de Edimburgo) em Filosofia Africana (especialista em Filosofia Akan) e Intercultural, Estudos Religiosos Africanos e História Mundial. Conduziu trabalhos de campo em Gana (Kumasi) e Zâmbia (Lusaka). Ela se especializou em literatura oral Akan e Yoruba, política, religião e cinema (Gana, Ghallywood; Nigéria, Nollywood), educação religiosa na Zâmbia (África Austral) e mitologia e filosofia Greco-Egípcia (África do Norte). Obteve um mestrado e doutorado em Estudos Africanos pela Universidade de Edimburgo (Reino Unido) e publicou um livro sobre o tema de sua tese, intitulado 'Religion and Chieftaincy in Ghana' (Lit Verlag, 2013). <<https://www.universiteitleiden.nl/en/staffmembers/louise-muller#tab-1>>

Referências

MÜLLER, Louise. **Religion and chieftaincy in Ghana: An explanation of the persistence of a traditional political institution in West Africa**. LIT Verlag Münster, 2013.

_____. On the demonization and discrimination of Akan and Yoruba women in Ghanaian and Nigerian video movies. **Research in African Literatures**, v. 45, n. 4, p. 104-120, 2014.

_____. The reality of spirits? A historiography of the Akan concept of 'mind'. **Quest: An African Journal of Philosophy**, p. 1-2, 2008.

_____. A thematic comparison between four African scholars: Idowu, Mbiti, Okot p'Bitek & Appiah: what do they tell us about the existence of 'truth' and a 'High God', and why is their work significant?. **Quest: An International African Journal of Philosophy**, v. 18, n. 1-2, p. 109-123, 2004.

_____. The Greco-Egyptian origins of western myths and philosophy. *In*: PIUS, Mosima (Ed.). **Papers in Intercultural Philosophy and Transcontinental Comparative Studies**. Haarlem: Shikanda Press, n. 24, 2018. p. 251-280.

MÜLLER, L. F., A. S. C. A. Muijen and K. Dorvlo. The Adinkra Game: an Intercultural Communicative and Philosophical Praxis. *Cultures at School and at Home*. M. Metsärinne, R. Korhonen, T. Heino and M. Esko. Rauma, Rauman Normaalikoulu, 2021.